DOI 10.20504/opus2026.32.01

CC BY

Artigo

A primeira organização feminista na música de concerto carioca: a Sociedade Femina segundo jornais da época (1916-1918)

Jorge Israel Ortiz **Vergara**
https://orcid.org/0000-0003-0699-6518
(Sem vínculo institucional)

Resumo: Neste informe, verifica-se a existência da Sociedade Femina e recupera-se parte da história da atuação feminista e musical brasileira. A Sociedade Feminina de Cultura Artístico-Musical existiu no Rio de Janeiro entre agosto de 1916 e março de 1918. Presidida pela cantora lírica Julieta Correa, a Femina promoveu a música de concerto, a declamação e valores que seguiam os moldes do feminismo europeu. Mulheres dirigiram a Femina, entretanto, varões musicistas ocuparam os cargos de diretor artístico, diretor de coro e diretor de orquestra. A grande presença feminina em espaços de educação musical foi interpretada como uma forma complexa de segregação social. Considerou-se a literatura feminista, historiográfica e musicológica. As fontes primárias foram encontradas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Fundada por Antonieta Leite de Castro, Branca Bilhar, Brasilina Bormann, Edméa Regazzi e Julieta Correa, a Sociedade Femina foi a primeira organização feminista no campo da música de concerto carioca.

Palavras-chave: Brasil. feminismo. jornalismo. música.

The First Feminist Organization in Rio de Janeiro's Classical Music Scene: *Sociedade Femina* According to Newspapers of the Time (1916-1918)

Abstract: This report confirms the existence of the *Sociedade Feminina de Cultura Artístico-Musical* [Women's Society for Artistic-Musical Culture], commonly referred to as *Sociedade Femina* [Femina Society], and recovers part of the history of feminist and musical activity in Brazil. The *Sociedade Femina* operated in Rio de Janeiro between August 1916 and March 1918. Presided over by operatic singer Julieta Correa, *Femina* promoted concert music, declamation, and values modeled on European feminism. While women led the organization, male musicians held the positions of artistic director, choir director, and orchestra conductor. The prominent presence of women in music education has been interpreted as a complex form of social segregation. Feminist, historiographical, and musicological literature was consulted, and primary sources were located in the *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil* [Digital Newspaper Archive of the Brazilian National Library]. Founded by Antonieta Leite de Castro, Branca Bilhar, Brasilina Bormann, Edméa Regazzi, and Julieta Correa, the *Sociedade Femina* was the first feminist organization in the field of concert music in Rio de Janeiro.

Keywords: Brazil. feminism. journalism. music.

VERGARA, Jorge Israel Ortiz. A primeira organização feminista na música de concerto carioca: a Sociedade Femina segundo jornais da época (1916-1918). *Opus* (Assoc. Nac. Pesqui. Pós-Grad. Música), João Pessoa, v. 32, e263201, p. 1-30, 2026. http://dx.doi.org/10.20504/opus2026.32.01
Recebido em 22/4/2024, aprovado em 03/04/2025, publicado em 15/03/2026.

Antonieta Leite de Castro, Branca Bilhar, Brasilina Bormann, Edméa Regazzi e Julieta Correa fundaram a Sociedade Femina em agosto de 1916. Com muitos musicistas proporcionando suporte, a Sociedade Femina atuou no Rio de Janeiro durante um ano e sete meses, e os motivos do seu fim permanecem desconhecidos. Para investigar a história da Femina, pesquisou-se na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. O acervo da Hemeroteca Digital abrange séculos e é abundante: constam edições completas de jornais e revistas em todos os estados brasileiros e periódicos em algumas capitais estrangeiras. Contudo, há jornais e revistas que não fazem parte do acervo, como o *Correio Musical Brasileiro* e *O Estado de S. Paulo*, entre outros. Houve pesquisa em outros acervos, mas, o autor deste informe desconhece outras fontes primárias, e com uma exceção, não encontrou literatura acadêmica sobre a Sociedade Femina.

O jornalista, escritor e músico José de Athayde Marcondes preparou *Música e musicistas* em 1922, livro que permaneceu inédito. Para o musicólogo Paulo Castagna, o manuscrito de Marcondes é a mais completa obra sobre o assunto até então escrita no Brasil (2023, p. 1). No verbete que redigiu para Julieta Correa, Athayde Marcondes afirma que a jovem é professora de canto e presidente da Sociedade Femina, associação dedicada ao "estudo da música" (1922, p. 344). Athayde Marcondes também escreveu verbetes para as solistas Beatriz Sherrard, Brasilina Bormann, Candida Kendall, Edméa Regazzi, Haydée Hor Meyll e Paulina d'Ambrosio, mas sem citar sua participação na Femina. Até o momento, o livro de Athayde Marcondes e dois programas disponíveis no Centro de Documentação da Fundação Theatro Municipal do Rio de Janeiro são as únicas fontes não jornalísticas que reconhecem a existência da Femina.

Na coluna central do Quadro 1, e a partir das informações obtidas em jornais e revistas da Hemeroteca Digital, foram arrolados os nomes e a função das participantes e colaboradoras da Femina. Ainda, constam dados obtidos na dissertação de Thadeu Almeida (2017), especificamente, o vínculo laboral de alguns musicistas com o Instituto Nacional de Música. No Quadro 2, registraram-se os concertos da Femina e os nomes dos compositores e compositoras divulgados. A maioria das jovens da diretoria e das solistas da Sociedade Femina frequentou o Instituto Nacional de Música (Quadro 1), hoje chamado Escola de Música, entidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Considerações sobre a literatura a respeito das mulheres em espaços de educação musical levaram a concluir que a presença feminina nos mesmos era uma forma de segregação social.

Os jornais da época publicaram palavras de diversas formas. É possível encontrar referências ao nome de Julieta Correa com duas letras "t", "Julietta"; com acento, "Corrêa"; e na variante com "i", "Correia". Não confundir Julieta Correa com Julieta Correa Antunes, esta última, violonista nascida em 1909. Julieta Correa teve uma filha que estudou canto e piano e participou em atividades da Femina. A filha usava o mesmo nome da progenitora. O nome é comum a ponto de existir outra musicista na Femina com nome parecido, Julieta Correa de Alegria Faria, a qual usava o nome Julieta Alegria. Neste informe, a grafia segue as normas do português atual, mas, nas Referências e nos Quadros, segue as formas da época. Registrou-se o nome que se considerou correto após o confronto entre várias publicações. Nomes referidos poucas vezes deixaram dúvidas quanto à sua escritura. Dada a frequência de erros tipográficos no material revisado, não sempre pode ser averiguada a forma adequada. No Quadro 1, há poucos casos em que dois nomes poderiam corresponder à mesma pessoa, por exemplo, os nomes Leocádia Branca e Leocádia França.

Edições sem números de página eram frequentes em revistas. Nesses casos, o número citado corresponde ao que a Hemeroteca Digital indica ao disponibilizar a imagem.

Em jornais da época, "Femina" e "Sociedade Femina" foram as vozes mais utilizadas, mas o nome completo era "Sociedade Feminina de Cultura Artístico-Musical" (Sociedade Feminina de Cultura Artístico-Musical, 1916, p. 4). O nome também foi abreviado para "Sociedade de Cultura Musical Femina" (Festas, 1917, p. 4). Declaradamente inspirada em moldes europeus de organização feminista, a Femina surgiu com estatuto, diretoria e rol com 120 pessoas (Sociedade Feminina de Cultura Artístico-Musical, 1916, p. 4; Femina, 1916, p. 4) e chegou a ter mais de 500 sócias (Ecos, 1917c, p. 6). A diretoria eleita tinha mandato de cinco anos (Femina, 1916, p. 3), o qual não exerceu em extensão porque a Femina deixou de operar ao redor de março de 1918. As expressões "Femina", "Conservatório Femina" e "Sociedade Femina" circularam em jornais brasileiros e estrangeiros e seus sentidos serão comentados. A Sociedade Femina carioca realizou atividades artísticas com apoio da Sociedade Sinfônica Fluminense, esta última radicada em Niterói e fundada pelo compositor e maestro argentino Félix Cordiglia Lavalle em 1914 (O maestro F.C. Lavalle, 1916, p. 2). Citado frequentemente como "Cordiglia Lavalle", ele foi o primeiro diretor artístico e de orquestra da Femina (A fundação da Femina, 1916, p. 5).

Ao pesquisar a forma preconceituosa pela qual os humoristas da revista carioca *D. Quixote* elaboraram sobre o modernismo, o autor deste informe encontrou a caricatura que citava Julieta Correa e, ao investigá-la em jornais da época, descobriu a Sociedade Femina. Os jornalistas apoiaram a Femina, mas a caricatura racista de *D. Quixote* recebeu comentário. Importa recuperar para a história e a musicologia a ação das mulheres que criaram a sociedade musical para promover a música e o feminismo. O objeto deste informe é a verificação da existência da Sociedade Femina: as fundadoras e líderes da Femina, seu pertencimento à elite brasileira, o sentido feminista da organização e os objetivos artísticos e sociais da entidade. Houve pesquisa de autores e autoras do feminismo, história e musicologia brasileiras. Graças à pesquisa em jornais brasileiros, reconstruiu-se parte da história da Femina. A Sociedade Femina foi a primeira organização feminista do campo da música de concerto do Rio de Janeiro.

1. "Femina", "Conservatório Femina" e "Sociedade Femina"

Segundo o jornal *O País,* para as fundadoras da sociedade musical, "Femina" é referência ao "Conservatório Femina" de Paris (Femina, 1917a, p. 4), instituição que incentivou a criação artística feminina. A *Gazeta de Notícias* registrou que existem associações similares à Femina nas "grandes cidades europeias como Paris e Londres" (Binóculo, 1916a, p. 5). A referência ao "Conservatório Femina" de Paris é relevante porque em vários casos os jornais publicaram que as fundadoras da Femina inspiraram-se em instituições europeias cujos nomes não registraram. Não foram encontrados outros detalhes sobre o caráter feminista ou musical nas referências às sociedades europeias, mas as atividades e alguns dos discursos recuperados implicam esse caráter. No registro jornalístico brasileiro que refere Femina e o "Conservatório Femina", o nome da instituição parisiense sempre figura incompleto. Chamava-se Conservatório Femina-Música, funcionava em Paris e possui escassa literatura. A musicóloga Pilar Ramos assevera que a compositora e educadora Nadia Boulanger deu aulas ali em 1907 (2019, p. 12).

No seu primeiro ano de existência, o Conservatório Femina-Música (*Conservatoire Femina-Musica*) publicou propaganda na revista ilustrada *Femina*, também francesa. Segundo essa propaganda, o Conservatório oferecia cursos de dicção e declamação, canto, conjunto vocal, harpa, piano, violino, opereta, leitura à primeira vista e acompanhamento, e esta última aparece associada a Nadia Boulanger. Conhecidos na história do piano, Marguerite Long e Raoul Pugno eram professores do mesmo (Le Conservatoire Femina-Musica, 1908b, p. 27-28). Xavier Leroux era professor do Conservatório de Paris desde 1896 (Fuller Maitland, 1906, p. 681) e era o diretor da seção de estudos musicais do Conservatório Femina-Música. Leroux esteve no Brasil em setembro de 1916, e participou do recital privado da Sociedade Glauco Velásquez no Rio de Janeiro (De arte, 1916, p. 17), mas não se encontrou registro de relação dele com a Sociedade Femina carioca. Os alunos do Conservatório Femina-Música deveriam dar duas matinês no Teatro Femina de Paris (Le Conservatoire Femina-Musica, 1908a, p. 14). A publicação da revista *Femina* implica uma ligação entre a editora de *Femina* (Pierre Lafitte et Cia), o Conservatório Femina-Música e o Teatro Femina, todos com sede em Paris. As publicações jornalísticas brasileiras analisadas não registraram essa ligação.

Em jornais brasileiros das duas primeiras décadas do século vinte, o termo "Femina" é conhecido. Citou-se a revista *Femina* (1901–1916), e há notícia de que foi possível comprá-la em São Paulo. O nome também foi usado para oferecer diversos produtos às mulheres. Colatina Barreto publicou no *Diário da Manhã* que Luíza Michel (Louise Michel) fundou a primeira "Sociedade Femina" na França em 1868 (Barreto, 1909, p. 3). Contudo, nas referências dos jornais que escreveram sobre o projeto de Julieta Correa, não há elementos que sugiram a entidade de Michel.

Os jornais *O Imparcial* e a *Gazeta de Notícias* registraram que a declamadora Ângela Vargas Barbosa Viana obteve o primeiro prêmio de comédia e o segundo de tragédia no "Conservatório Femina" de Paris, e não mencionam a Sociedade Femina carioca (Binóculo, 1916b, p. 5; Ecos, 1917b, p. 6). Também citada como Ângela Vargas, a declamadora participou no recital de aniversário de Femina no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e anunciou-se sua participação na festa no Teatro Fênix (Theatro Municipal, 1917b; O 1° aniversário da sociedade Femina, 1917, p. 4). E, pelo registro jornalístico, ela não participou da fundação e da diretoria da Femina. Segundo a *Gazeta de Notícias*, Ângela Vargas realizou a récita declamatória de *Electra* de Sófocles no Municipal, evento organizado pela Associação da Mulher Brasileira em 1916 (Binóculo, 1916b, p. 5), outra organização feminista da época. Referida erroneamente como "Augusta", e não como "Ângela", *A Razão* publicou que a mesma anunciou a criação do "Conservatório Femina-Música", o qual seria análogo ao de Paris (Conservatório Femina Música, 1917, p. 6). Mas, não foi encontrado registro jornalístico da materialização dessa entidade no Rio.

Em jornais disponíveis na Biblioteca Nacional da Espanha, citam-se os nomes considerados. Em 1915, a "Sociedad Femina" de Madrid organizou matinê no Hotel Palace com a artista romena Garby Georgesco. Houve solos das óperas *La Traviata* e *La Favorita*, de Giuseppe Verdi e Gaetano Donizetti, respectivamente (Diversiones públicas, 1915, p. 4). Em 1912, o conferencista do "Conservatório Femina-Música" de Paris, M. de la Tourrasse, ofereceu curso sobre teatro francês contemporâneo em Madri (Conferencia en la universidad, 1912, p. 2; Instituto francés en España, 1912, p. 5). Entende-se que tanto o "Conservatório Femina-Música" quanto a "Sociedade Femina" eram ideias em circulação entre artistas da

década de 1910 na Europa e no Brasil.

2. As mulheres no campo da música de concerto

A literatura sobre o feminismo é extensa, por isso, serão comentados somente alguns aspectos. Para a historiadora Londa Schiebinger, o campo científico e a universidade moderna europeus constituíram-se e ganharam prestígio ao mesmo tempo que excluíram as mulheres, apesar das exceções (2004, p. 28, 34). Em abordagem distinta, mas também sob a perspectiva da incorporação das mulheres no campo científico, a filósofa Norma Blasquez Graf argumenta que o surgimento da ciência no século dezenove envolve um processo anterior: a perseguição às "bruxas" durante os séculos dezesseis e dezessete. Segundo os dados que a autora considera mais confiáveis, houve cerca de sessenta mil assassinatos, e as vítimas, em sua maioria, foram mulheres. Além da exclusão feminina, o processo suprimiu saberes e práticas (Blasquez, 2008, p. 24, 31, 32). A tese de Blasquez para explicar essa violência indica a intolerância com os conhecimentos relacionados à sexualidade e à vida, em circulação desde a Antiguidade, conhecimentos que a autoridade da época julgou necessário controlar (Blasquez, 2008, p. 30).

Discursos sobre o feminismo circularam em jornais brasileiros desde o século dezenove. A "emancipação da mulher" e a luta pelos direitos das mulheres têm uma história secular. Segundo a pesquisa de Célia Pinto, desde a segunda metade do século dezenove e o início do século vinte, as lutas feministas por cidadania são mais orgânicas, pois o movimento sufragista espalhou-se por Europa e Estados Unidos. Em 1881, Isabel de Sousa Matos pediu lei para as mulheres poderem votar no Brasil (Pinto, 2003, p. 13, 15). A pesquisadora Maria Teles afirma que as mulheres publicavam em periódicos para o público feminino desde 1850. Ainda, as mulheres participaram do movimento abolicionista com artigos, panfletos, palestras e romances (1999, p. 13, 30). No que diz respeito à imprensa, considere-se que, em 1838, Nísia Floresta fundou um colégio somente para jovens mulheres, mas mudou-se para a Europa devido às críticas que recebeu da imprensa brasileira (Teles, 1999, p. 30).

No Brasil, houve muitas variantes no discurso feminista. Aquelas e aqueles que promoveram os direitos das mulheres defenderam principalmente o direito à educação, ao trabalho e ao voto. A professora Leolinda Daltro e a escritora Gilka Machado fundaram o Partido Republicano Feminista em 1910, instituição que deixou de existir no fim da década (Pinto, 2003, p. 19). As mulheres também participaram e lideraram as greves da década de 1910. Ernestina Lésina publicava dirigindo-se às mulheres trabalhadoras e defendia a regulamentação do trabalho feminino. Com as greves de 1917, o movimento operário conseguiu uma lei que incluiu a abolição do trabalho noturno de mulheres e menores de idade (Teles, 1999, p. 43).

No campo da música de concerto no Brasil, os teatros de ópera e os conservatórios de música aceitavam a presença feminina. Todavia, a prática não implicou a inclusão feminina. Desde 1848, o Imperial Conservatório de Música no Rio de Janeiro permitiu a educação musical feminina. Seguindo as formas europeias, as estudantes não recebiam a mesma formação que os varões e estudavam em classes separadas. Nesse momento, os musicistas só conseguiam reconhecimento com o aval do imperador e da elite (Carvalho, 2012, p. 33, 35). O Imperial Conservatório e o Instituto Nacional ocupam posição central

na educação musical (Carvalho, 2013, p. 3) nos períodos aqui considerados.

Durante a República, o Instituto Nacional de Música dependia do Ministério da Justiça e Negócios Interiores do Governo do Brasil. Em 1915, o ministro Carlos Pereira dos Santos publicou informe oficial sobre o ano em que Julieta Correa se formou, 1914. Ele registrou que o Instituto possuía 567 alunos, sendo 466 deles mulheres (1915, p. 116), o que corresponde a 82,1%. No relatório de Leopoldo Miguez e com dados de 1895, as mulheres correspondem a 86,5% (Vermes, 2004, p. 6). As mulheres eram maioria numérica. Segundo a pesquisa da musicóloga Jaci Toffano, no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, matricularam-se 617 mulheres e 17 homens no curso de piano entre 1913 e 1939. Neste caso, o público feminino corresponde a 97,3% dos alunos de piano da instituição, sendo que o alunado de piano era maioria numérica no Conservatório. Toffano observou dados semelhantes na escola de piano do professor Luigi Chiaffarelli entre 1892 e 1915, também em São Paulo (2007, p. 84-86). E, segundo a pesquisa de Vanda Freire e Ângela Portella, desde o século dezenove, as mulheres das classes abastadas receberam incentivo para o estudo do piano, pois se considerava ser um instrumento doméstico e símbolo de posição social. As atividades musicais femininas foram aceitas quando implicavam lazer, adorno feminino ou a opção do magistério, mas não era "bem-vista" como escolha de profissionalização, especialmente nas áreas da composição e regência e em instrumentos distintos do piano (Freire; Portella, 2010, p. 65, 67).

O maestro Cordiglia Lavalle foi o primeiro diretor artístico e de orquestra da Femina, citado desde o surgimento da entidade (A fundação da Femina, 1916, p. 5). Sem entrar em detalhes, em junho de 1917, os jornais noticiaram que Cordiglia Lavalle pediu demissão, e no primeiro momento foi noticiado que o compositor e regente Francisco Braga assumiria o cargo (Concertos, 1917, p. 5). Não há registro de que Braga tenha regido para a Femina. Depois ficou estabelecido que o professor e maestro Francisco Nunes Júnior seria o novo diretor (S.M. Femina, 1917, p. 5). Apenas alguns anos antes da criação da Femina, Cordiglia Lavalle fundou a Sociedade Sinfônica Fluminense, e Francisco Nunes, a Sociedade de Concertos Sinfônicos. Os dois musicistas foram chamados a ocupar o papel de diretor artístico, diretor de coro e diretor de orquestra, pois não existiu a consideração de que as mulheres pudessem ser preparadas para desempenhar essas funções. Todavia, é necessário observar que a regência e a composição não fizeram parte das matérias oferecidas no Instituto Nacional de Música.

Segundo o relatório do ministro já citado e a pesquisa de Thadeu Almeida, o Instituto Nacional de Música não ofereceu a matéria de regência orquestral, direção coral e classes de composição na década de 1910. Havia classes de harmonia e solfejo, além de vários instrumentos e canto (Santos, 1915, p. 115-120. Almeida, 2017, p. 48). A regência foi incorporada na grade em 1932 (Carvalho, 2012, p. 78). Considere-se que, em carta publicada no *Correio da Manhã* em 1919, Francisco Nunes defendeu a subvenção estatal da Sociedade de Concertos Sinfônicos e detalhou as atividades da mesma: arrolou os solistas, instrumentistas e cantores, além dos diretores de orquestra e os compositores brasileiros e estrangeiros cujas obras a Sociedade divulgou (Nunes Júnior, 1919, p. 3). Ele alegou que a Sociedade de Concertos Sinfônicos permitiu a criação de uma escola de regência. E, nas listas de diretores e compositores de Francisco Nunes, não consta nenhuma mulher.

Segundo a literatura revisada, entende-se que as mulheres necessitavam da permissão de parentes para sair de casa, estudar e trabalhar (Toffano, 2007, p. 32. Priore, 2006, p. 246. Caulfield, 2000,

p. 26, 40); apesar da abundância de mulheres pianistas, o Theatro Municipal contratava principalmente homens (Toffano, 2007, p. 78); o piano era considerado o instrumento recomendável para as mulheres (Carvalho, 2012, p. 33); e nos espaços de divulgação da música de concerto, a presença de mulheres compositoras, pianistas e regentes era escassa (Freire; Portella, 2010, p. 71). Por isso, Vergara argumentou que a grande presença feminina em instituições escolares de música não implica a inclusão feminina, mas revela a complexa segregação social (2019, p. 107): este é o contexto musical e social para o surgimento da Sociedade Femina.

3. Fundadoras e solistas da Femina

Segundo o jornal *A Rua*, Julieta Correa fundou a Sociedade Femina em reunião realizada na sua residência no dia 24 de agosto de 1916 (A fundação da Femina, 1916, p. 5; O 1º aniversário da sociedade Femina, 1917, p. 4). Com o pseudônimo Sol Menor, a revista *Jornal das Moças* tinha coluna especializada em música. Sol Menor publicou que o grupo de amigas idealizou e criou a Femina, e cita como fundadoras as jovens Antonieta Leite de Castro, Branca Bilhar, Brasilina Bormann, Edméa Regazzi e Julieta Correa: ante o descaso masculino pela iniciativa feminina, as jovens decidiram congregar musicistas que atuavam dispersas. O objetivo da Femina seria a "definitiva colaboração da Mulher na propaganda e na disseminação da música" (Sol Menor, 1918a, p. 13). Destacando a liderança de Julieta Correa na concretização da sociedade, *O País* e o *Jornal do Brasil* registraram que Correa reuniu "discípulas" e "amigas", sem citar as outras fundadoras (Concertos, 1917b, p. 4; Concertos, 1917, p. 9). No Quadro 1 é possível notar que quatro das cinco musicistas que Sol Menor cita tiveram participação na diretoria da Femina: Julieta Correa foi a presidenta, Brasilina Bormann a primeira secretária; Branca Bilhar a segunda secretária; e Edméa Regazzi, a oradora.

Em fevereiro de 1917, a revista *A Faceira* publicou nota sobre a Femina com foto da sua diretoria, e acompanha a imagem a expressão latina "Labor omnia vincit" (Femina, 1917, p. 23). A mesma imagem consta no programa do recital de fevereiro de 1917 no Theatro Municipal (1917a), apenas a cor é distinta. Segundo o *Jornal do Brasil*, a frase era o lema da Femina (A iniciativa do sexo frágil, 1916, p. 6). O lema pode estar vinculado às ideias republicanas, especificamente à valorização do mérito pela elite que tomava as decisões no Instituto Nacional de Música e nas esferas governamentais (Almeida, 2017, p. 1). As cinco fundadoras foram solistas da Femina: Correa e Regazzi como cantoras, Bormann como violoncelista, e Bilhar e Castro como pianistas. Com exceção de Antonieta Castro e Brasilina Bormann, as fundadoras da Femina eram musicistas premiadas pelo Instituto Nacional de Música (Quadro 1).

Destaca-se a trajetória da violoncelista Brasilina Bormann, pois ela se apresentou em 1907 em Londres, e desde 1909 atuava no Rio (Marcondes, 1922, p. 129). O *Diário de Pernambuco* registrou que a revista inglesa *Musical Standard* teria referido um concerto de Bormann no Steinway Hall e teceu-lhe os "mais finos elogios" (Vida artística, 1910, p. 2). Segundo Athayde Marcondes, a cantora Edméa Regazzi também obteve reconhecimento em teatros europeus (1922, p. 209). E *A Imprensa* divulgou que a harpista Ester Santos participou do concerto organizado pelo Partido Republicano Feminino em 1911. Este se inseriu nas comemorações do aniversário de Leolinda Daltro (Manifestações, 1911, p. 4). Depois e sem

participar da diretoria da Femina ou do círculo de amizades das fundadoras, Ester Santos foi sócia e musicista da Femina (Quadro 1).

Athayde Marcondes registrou que Paulina d'Ambrosio começou a ganhar notoriedade precisamente em 1917 (1922, p. 514), mas sua atividade é chamada de "extraordinária" já em 1910 pelo jornal *O País* (O centenário de Schumann, 1910, p. 3), e seu nome aparece em recitais com o quarteto feminino desde 1915 (Notas de arte, 1915, p. 43). Em 1922, Paulina d'Ambrosio colaborou na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, na Comissão de Hospitalidade (Conferência pelo progresso feminino, 1922, p. 4). Sendo ativa intérprete, d'Ambrosio não participou da diretoria da Femina, mas foi solista e musicista da Orquestra de Cordas. Aparece na foto publicada pela revista *Comédia* em 1917: Paulina d'Ambrosio segura o arco e o violino ao lado direito de Julieta Correa, a qual está sentada ao centro sem nenhum instrumento nas mãos (Figura 1).

A pianista e depois compositora Branca Bilhar destaca-se das outras solistas e líderes da Femina por um motivo distinto. Em 1931, a Sociedade de Concertos Sinfônicos organizou o concerto em homenagem ao Segundo Congresso Feminista. A pesquisadora Dalila Vasconcellos de Carvalho assevera que a única compositora brasileira com obras executadas foi Branca Bilhar. As outras compositoras divulgadas foram Augusta Holmès, Cécil Chaminade e Ethel Smith (Carvalho, 2012, p. 121). É possível verificar na Hemeroteca Digital que, com exceção de Julieta Correa, os nomes das solistas da Femina continuaram a figurar em atividades musicais durante os anos seguintes. A atuação junto a entidades feministas diferentes da Femina por parte de Ângela Vargas, Ester Santos e Paulina d'Ambrosio sugere a divulgação de atividades feministas entre artistas. A fundação da Femina ocorreu em momento de difusão do feminismo. Se foi pensado que o lugar da mulher era o espaço doméstico, a existência da sociedade musical dirigida por jovens mulheres implicou a produção de práticas mais igualitárias para estruturar a sociedade.

4. A liderança da Femina e a elite carioca

Pelo registro jornalístico, observou-se que Julieta Correa liderou eventos em espaços onde se realizavam concertos desde antes da fundação da Femina. Por exemplo, ela organizou o concerto para a comemoração do aniversário do Club Ginástico Português no Rio de Janeiro e colaborou com o concerto de inauguração da sede do Vila Isabel Futebol Club, ambos em 1915 (O Club Ginástico Portugués realiza sua festa anual, 1915. p. 4; Villa Isabel Futebol Club, 1915, p. 5). Ela e outras musicistas colaboraram com atividades de caridade próprias da elite carioca antes e depois de sua atuação na Femina, mas não é possível detalhar isso neste informe. Destaca-se apenas que, em função da Primeira Guerra, Julieta Correa participou em Comissão da Cruz Branca em 1915, e, em fevereiro de 1918, colaborou com a Congregação Humanitária das Mães Brasileiras (Festas, 1915, p. 5; Congregação Humanitária das Mães Brasileiras, 1918, p. 4). Igualmente, antes de fundar a Femina, Julieta Correa realizou recitais como solista no salão nobre da Associação dos Empregados do Comércio (Artes e artistas, 1915, p. 5).

Considere-se que, no Brasil, as mulheres acenderam ao ensino superior desde 1879 (Toffano, 2007, p. 77). E, segundo o historiador Jeffrey Needell, entre 1840 e 1930, apenas famílias com recursos

econômicos tiveram acesso à educação secundária (1993, p. 74). As solistas da Femina frequentaram o Instituto Nacional de Música, e muitos dos músicos com reconhecimento que apoiaram a entidade também deram aulas no Instituto. Entre os professores do Instituto Nacional de Música que apoiaram a Femina constam Carmo Marsicano, Francisco Nunes, Orlando Frederico, Paulina d'Ambrosio e Ricardo Roveda (Quadro 1).

Para que a Femina apresentasse obras orquestrais, o maestro Cordiglia Lavalle ofereceu a colaboração da Sociedade Sinfônica Fluminense. E esta última recebeu o apoio do Coral da Femina em apresentação no Theatro Municipal de Niterói (Sociedade Sinfónica Fluminense, 1917, p. 4). Segundo o *Correio da Manhã*, a Sociedade Sinfônica Fluminense aportou com 60 das 150 musicistas com que a Femina contava em dezembro de 1916 (Sociedade de Cultura Musical Femina, 1916, p. 2). Os ensaios foram realizados às terças e aos sábados no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O primeiro deles ocorreu no dia 6 de novembro de 1916 (A iniciativa do sexo frágil, 1916, p. 6). Já citada, *Comédia* publicou a foto da Orquestra de Cordas da Femina. A imagem leva a assinatura "Malta phot.", indicando a autoria do fotógrafo Augusto Malta (Figura 1). A revista *A Faceira* publicou foto semelhante, e na legenda explica que foi tirada no salão do Theatro Municipal do Rio (S.M. Femina, 1917, p. 25). A Femina ensaiou e apresentou-se no mesmo Municipal do Rio, no Theatro Municipal de Niterói, e apresentou-se no salão nobre da Associação dos Empregados do Comércio, e no Teatro Fênix, estes dois últimos no Rio.

Fig. 1: Um grupo orquestral. *Comédia,* Rio de Janeiro, p. 10, 21 jul. 1917.
Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

O empresário Guilherme da Rosa publicou texto no jornal *O País* justificando suas ações na administração do Municipal, e publicou uma carta na qual assevera que a única pessoa por ele autorizada a imprimir e distribuir os programas oficiais do Theatro Municipal era o empresário Orlando Correa (Teatro Municipal, 1910, p. 5). O matrimônio de Julieta e Orlando Correa (Batizados, 1911, p. 4) provavelmente facilitou o contato dela com os responsáveis pelo Theatro Municipal do Rio de Janeiro, assim como propiciou a aceitação dos seus apelos às autoridades.

Segundo *O País*, Julieta Correa conversou com o prefeito, e o governador do Rio de Janeiro

autorizou o uso do Theatro Municipal para que a Femina realizasse seus ensaios provisoriamente (1916, p. 3). O mesmo jornal assinalou que as líderes da Femina foram ao palácio de governo solicitar a presença do presidente da República em recitais da sociedade, e que as autoridades se comprometeram em participar (Estiveram ontem à tarde, 1917a, p. 1). No concerto de fevereiro de 1917 realizado no Municipal, assistiram Amaro Cavalcanti e Aurelino Leal, o prefeito e o chefe de polícia (No Municipal, 1917, p. 5). Entende-se que Julieta Correa e as líderes da Femina tinham as habilidades musicais e pessoais para conseguir apoio e colaboração institucional e política. A liderança da Femina e os lugares que frequentaram implicam que o grupo era dirigido por pessoas que acediam aos espaços da elite brasileira, pois eram fração da elite carioca.

5. Os objetivos da Sociedade Femina

Não foram encontradas publicações em que jornais e revistas registrassem os preceitos da Femina a partir do discurso das próprias musicistas. Os jornais não reproduziram os estatutos ou discursos produzidos pelas líderes da Femina, assim, foi necessário analisar estruturas parciais e deduzir a partir do conteúdo veiculado por terceiros, e não pelas próprias agentes. Como foi visto, a direção da Sociedade Femina era feminista porque as autoras referiram as ideias invocadas pelo nome do Conservatório Femina-Música de Paris, e porque a liderança e a atuação feminina implicavam a realização do papel da mulher próprio do discurso feminista da época. Apenas uma vez, a revista *Comédia* transcreveu o artigo número 3 dos estatutos da Femina. O artigo versa sobre a promoção da música de concerto por parte da Femina e especifica que proporcionaria às associadas "a prática da grande orquestra e do canto coral, assim como o conhecimento dos grandes mestres" (Nos domínios da arte, 1917, p. 10).

No ato de fundação da Femina, as musicistas chamaram o poeta Carlos de Magalhães para expor sobre as organizações semelhantes na Europa (Binóculo, 1916a, p. 5). Ele acompanhou as jovens quando elas solicitaram a assistência das autoridades e seu apoio aos recitais da Femina. E registrou-se que a declamadora Ângela Vargas colaborou com a Femina, e que a declamação era matéria no Conservatório Femina-Música em Paris. Em jornais, é frequente encontrar notas sobre recitais de declamação poética, e, segundo Jeffrey Needell, a declamação era prática entre os passatempos refinados da elite carioca da época (1993, p. 130). A Femina realizou eventos onde a declamação poética integrou o concerto, mas não foi encontrado registro de récitas apenas declamatórias.

A musicóloga Mónica Vermes afirma que os gêneros musicais populares poderiam assegurar condições de sobrevivência ao compositor e aos musicistas da época, mas eram atividades não valorizadas por músicos com formação erudita. A sociedade brasileira era marcada pela presença da ópera italiana desde o século dezenove, e as sociedades musicais ampliaram esse repertório, adicionando a música sinfônica e de câmara. Há notícia de sociedades musicais no Rio de Janeiro desde 1834, e na década de 1890 existiam cerca de setenta associações e clubes de música no Rio (Vermes, 2010, p. 9 e 14; 2015, p. 21). Com exceção da Sociedade Beethoven, as sociedades musicais não permitiam mulheres nos seus quadros e não admitiam a performance feminina (Toffano, 2007, p. 62). Essas sociedades não tinham funcionamento contínuo e não conseguiam contratar músicos com exclusividade, assim, ressentiam-se de dividir os músicos com outras orquestras (Vermes, 2010, p. 15). A Sociedade Femina insere-se numa

tradição brasileira de sociedades criadas por musicistas para divulgar a música.

Os programas da Femina evidenciam que a sociedade se dedicou a difundir compositores de música de concerto (Quadro 2). O repertório da Femina responde à produção masculina, inclusive no caso da poesia declamada. Abdon Milanez, Antônio Carlos Gomes, Francisco Braga, Homero Baptista, José de Araújo Viana e Sílvio Deolindo Fróes foram os compositores brasileiros que tiveram obras apresentadas: *Descrença,* de Milanez; o 4.º ato da ópera *Maria Tudor,* de Carlos Gomes; *Virgens mortas* e *Visões celestes, aéreas e terrestres,* de Braga, esta última para orquestra e solo de violino; *Reverie,* de Homero Baptista; *Canção de Sybil,* da ópera *Galaor,* de Araújo Viana; e *Fleur Morante* e *Sirenetta,* de Fróes. O coro da Femina apoiou a Sociedade Sinfônica Fluminense na apresentação da primeira parte da ópera *Colombo,* de Carlos Gomes em Niterói. A presença de compositores brasileiros foi constante, mas não se observou discurso sobre a valorização de autores brasileiros. Destaca-se que a Femina divulgou obras da compositora francesa Cécile Chaminade nos concertos no Theatro Municipal e na série *Hora Musical*, e divulgou obra da compositora inglesa Cécile Sarah Hartog na 2ª *Hora Musical* (Quadro 2). Apesar de nos programas da Femina não se encontrarem outras autoras, é plausível ter existido a noção da necessidade de divulgar compositoras.

Em maio de 1917, a Femina estava preparando-se para colaborar na representação da ópera *Helena,* do compositor francês Charles Camile Saint-Saëns. Segundo *O Fluminense*, Cordiglia Lavalle teve contato estreito com Saint-Saëns, e teriam feito concertos juntos no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (O maestro F.C. Lavalle, 1916, p. 2). Dois jornais publicaram que o próprio Saint-Saëns viria ao Rio de Janeiro reger a ópera (Saint-Saens virá ao Rio reger a sua opera Helena, 1917, p. 9; Várias teatrais, 1917, p. 15). A ópera *Helena* foi ensaiada no Theatro Municipal, e foi planejada sua apresentação em junho de 1917 (Ecos, 1917a, p. 7), mas não foi encontrado registro de sua performance nem da visita do compositor francês ao Rio.

Em 1916, *O País* e a *Gazeta de Notícias* publicaram que a Femina permitiria às suas associadas o desenvolvimento de conhecimentos musicais, e que realizaria concertos mensalmente (Binóculo, 1916a, p. 5; Femina, 1916, p. 3). Pelo material encontrado na Hemeroteca Digital, entende-se que os concertos não ocorreram com essa frequência: a Femina realizou concertos em fevereiro, maio, junho e setembro de 1917 (Quadro 2). Os jornais registraram um dos objetivos desse tipo de associação musical: promover a música e facilitar que seus associados e associadas participassem de atividades musicais organizadas por eles mesmos. Em fevereiro de 1917, o *Jornal do Comércio* publicou que a sociedade teria uma orquestra e um coro, e que o corpo de artistas incluiria pessoas de Rio de Janeiro e de São Paulo (Festas, 1917, p. 4). Isto último não circulou em outras notas.

Após verificar o conteúdo das notas jornalísticas sobre a Femina para compor o Quadro 1, nota-se a distinção entre a Orquestra da Femina e a Orquestra de Cordas da Femina. A grande orquestra era composta por instrumentistas de cordas, sopros de madeira e metais, e tímpano. Varões colaboraram com a grande orquestra e o coro misto da Femina. A Orquestra de Cordas da Femina era composta por instrumentistas de contrabaixo, violoncelo, viola e violino. Nas publicações revisadas para compor o Quadro 1, não se encontrou nenhuma musicista associada ao contrabaixo, mas, na foto da Orquestra de Cordas publicada em *Comédia* (Figura 1), é possível observar o instrumento sendo sustentado por uma jovem. Não

há varões na imagem. Nota-se que, no caso da apresentação no Theatro Municipal em fevereiro de 1917, o jornal *O Imparcial* registra os nomes das instrumentistas e as nomeia de "orquestra feminina", e, em novembro de 1916, *O País* já tinha publicado que a Femina possuía a "orquestra feminina" (No Municipal, 1917, p. 5; Femina, 1916, p. 3). O programa impresso do concerto registra a mesma expressão (Theatro Municipal, 1917a, p. 2). Pelo que se pode deduzir das publicações e fotos citadas, a Orquestra de Cordas da Femina foi pensada para ser composta apenas por mulheres, assim como se escreveu sobre o coro feminino da sociedade. Segundo Vanda Freire e Ângela Portella, Dinorah de Carvalho dirigiu a Orquestra Feminina de São Paulo na década de 1930, e esta última seria a primeira do gênero na América Latina (2010, p. 74).

Em pesquisa na Hemeroteca Digital, é possível verificar que a expressão "orquestra feminina" figura em publicações desde 1906. Entre 1900 e 1909, aparece apenas uma vez, mas, entre 1910 e 1919, consta 148 vezes[1]. Mónica Vermes afirma que, nas salas de cinema e confeitarias, existiram "orquestras" (2010, p. 12), por isso, não seria implausível a existência de orquestras femininas nesses espaços. Contudo, nas 148 citações não foram encontrados argumentos que justifiquem deduzir que as agrupações referidas correspondam ao sentido estrito de "orquestra". Em muitos casos, entende-se que a expressão "orquestra feminina" referiu conjuntos femininos. Por exemplo, repetidos anúncios na *Gazeta de Notícias* informam sobre a "orquestra feminina" que atuaria diariamente na matinê do Avenida. Na propaganda publicada no dia 7 de junho de 1914, esclarece-se que a orquestra possui sete artistas (Avenida, 1914, p. 16). Ainda, em pesquisa até 1919, não foi encontrado discurso que mencionasse a promoção de ideias e práticas feministas em publicações associadas a essas referências sobre a "orquestra feminina". A maioria das publicações sequer cita os nomes das musicistas. O anterior não quer dizer que não existissem, apenas que, além daquilo aqui informado sobre a Femina, não foi encontrado conteúdo jornalístico que torne explícita a existência de orquestras femininas antes de 1919. As orquestras e o coro da Femina distinguem-se, pois eram estruturados sob a forma da sociedade feminista e musical. E, no caso das orquestras, Femina teve orquestras em sentido estrito.

Para especialistas em música de concerto da época, como Oscar Guanabarino e Vincenzo Cernichiaro, o campo da música de concerto não ofereceu as condições necessárias para o desenvolvimento dos artistas e jovens virtuoses (Vermes, 2015, p. 12-13). Segundo o crítico musical Guanabarino, em artigo do *Jornal do Comércio*, o concerto comemorativo de setembro de 1917 no Theatro Municipal tornou evidente que a Femina conseguiu criar agremiação orquestral e coral, além do conjunto de solistas. Guanabarino destacou que as associações musicais formadas por "amadores" são importantes para desenvolver o "gosto artístico", e destacou que o Municipal estava lotado (Teatros e música, 1917, p. 5). Se o termo "amadores" pode implicar que o grupo não atendeu às formas profissionais, interessa notar a percepção de Guanabarino sobre a orquestra e o coro da Femina, pois seriam realizações notáveis para a época. Sobre o mesmo concerto, *O País* registrou que o evento foi uma "festa" organizada por uma "sociedade particular", com entradas só para sócios e convidados, pois os colaboradores do jornal não

1 Foram pesquisadas expressões segundo a grafia da época entre 1900 e 1919: "orchestra feminina" e "orchestras femininas". Verificado pela última vez no dia 5 de abril de 2024 na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil.

tiveram acesso (Femina, 1917b, p. 3). Se o Municipal ficou lotado a ponto de os jornalistas que divulgaram as atividades da entidade não conseguirem ingressar, fica patente o sucesso da recepção da Femina.

Entre os objetivos da Femina, constava a captação de recursos econômicos. A sociedade tinha sua própria tesoureira e procuradora (Quadro 1), assim, é possível que o rol de "sócio" e "sócia" da Femina implicasse alguma contribuição monetária fixa. Igualmente, as assinaturas e concertos com entrada paga permitiriam que a Sociedade juntasse recursos. Segundo *O Imparcial*, dados os recursos obtidos, as líderes da Femina pensaram em adquirir prédio para ter sua sede própria (Ecos, 1917c, p. 6), mas essa informação não foi notada em outras publicações. A Sociedade Femina conseguiu organizar uma série de concertos chamada *Hora Musical*. O *Correio da Manhã* noticiou que a primeira série teria oito concertos, o que não se realizou. Houve assinatura e se avisa que os recitais seriam provavelmente na Associação dos Empregados do Comércio, no centro do Rio (Música, 1917, p. 6). A 3.ª *Hora Musical* ocorreu no Teatro Fênix, houve propaganda no jornal *O País* e tinha entrada paga. As cinco solistas tiveram seu nome no anúncio (Figura 2). Foram encontrados quatro concertos com o título *Hora Musical*, estes aconteceram entre maio e junho de 1917 (Quadro 2).

CASINO THEATRO PHENIX

EMPREZA DJALMA MOREIRA

HOJE Sexta-feira, 8 de junho HOJE

A'S 4 HORAS DA TARDE

"FEMINA"

3ª. HORA MUSICAL

Em que tomam parte as professoras

Aida Brasil
Luiza Cardoso Rabello
Guiomar de Oliveira
Haydee Hor Meyll
Marieta de Verney Campello

PREÇOS: Camarotes e frizas, 12$; cadeiras e varandas, 3$; entrada geral, 1$000.

AMANHÃ — A's 4 horas — Tardes do Phenix, conferencia do illustre escriptor Sr. Otto Prazeres, «Psychologia de um deputado».

Fig. 2: Casino Teatro Fênix. *O País,* Rio de Janeiro, p. 10, 8 jun. 1917.
Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. Publicado com permissão.

A Femina realizou beneficência. Em setembro de 1917, a sociedade celebrou seu aniversário duas vezes, em Festival no Teatro Fênix e no Municipal. Segundo o jornal *O País*, em ambos os casos, parte dos recursos obtidos seria para o Dispensário dos Pobres da Paróquia do Espírito Santo, no Rio de Janeiro (Concertos, 1917a, p. 4). Ainda, os jornais *A Notícia* e a *Gazeta de Notícias* registraram que a Femina projetou apoiar as suas associadas em momentos de dificuldades (Binóculo, 1916a, p. 5. Pé de coluna, 1916, p. 2). A partir das atividades relatadas em jornais e dos poucos textos em que se descreveram os objetivos, pode-se deduzir que a Sociedade Femina tinha um projeto estruturado: promover a agência feminina sob os parâmetros feministas da época, promover concertos sinfônicos, música de câmara, ópera, declamação poética, funcionar em sede própria e assistir entidades de caridade e as próprias associadas, caso houvesse necessidade.

6. Preconceito para debater arte

No Rio de Janeiro, a revista ilustrada *D. Quixote* publicou a caricatura titulada "Sombras" para ridicularizar as pessoas negras, Arthur Napoleão e Julieta Correa. O chiste racista satiriza músicos que recorrem ao apoio de pessoas negras. A caricatura não possui autoria e representa a jovem mulher junto a vários buquês de flores, e o homem sentado na cadeira do piano de cauda, mas sem tocar nele. Ambas as personagens foram representadas sob a forma racista chamada *blackface*, o tom escuro da pele contrasta com o entorno e a espessura dos lábios é exagerada. A legenda explica que o varão corresponde ao "cozinheiro" de Arthur Napoleão, e a jovem seria a "copeira" de Julieta Correa (Sombras, 1917, p. 13). Não foi encontrado relato de que Napoleão tenha apoiado as atividades da Femina, ou de que a Femina tenha colaborado em concertos do pianista.

Em pesquisa na Hemeroteca Digital, o nome de Julieta Correa não tornou a aparecer em *D. Quixote,* e a voz "Femina" não foi registrada. Francisco Nunes começou a colaborar com a Femina em junho de 1917. Ele era negro e amplamente reconhecido; Athayde Marcondes afirma que Nunes era um dos mais populares e aplaudidos maestros do Rio (1922, p. 245). A caricatura é de outubro de 1917, sendo que, entre agosto e setembro de 1917 a imprensa noticiou abundantemente sobre os eventos comemorativos da fundação da entidade. Entende-se que *D. Quixote* referiu a presidenta da Femina em sátira racista.

Arthur Napoleão dos Santos foi reconhecido compositor e pianista português que criou uma empresa de partituras. Para celebrar o fim da escravidão, ele realizou um concerto no Casino Fluminense em 1888 (Needell, 2020, p. 223). O escritor Manuel Bastos Tigre era o proprietário e o editor de *D. Quixote*, ele tinha conhecimento da luta contra a escravidão porque esse conhecimento foi referência para os humoristas da sua geração (Saliba, 2002, p. 76). Sobre o racismo, considere-se que o governo brasileiro encomendou ao médico João Baptista Lacerda representar o Brasil no Congresso Internacional das Raças em 1911, e Lacerda propôs a "eliminação gradual de mestiços e negros". A elite brasileira incorporou o racismo científico como "modo de conservação da desigualdade racial" após o fim da escravatura (Cyrino; Marques; Anjos, 2022, p. 29). Durante seis anos, *D. Quixote* publicou conteúdo preconceituoso para referir o movimento modernista paulista. No que diz respeito ao racismo, *D. Quixote* publicou agressivas referências racistas contra Mário de Andrade (Vergara, 2024, p. 49). Por isso, se não se encontraram os motivos específicos da sátira racista contra Julieta Correa, entende-se que "Sombras" adéqua-se às formas preconceituosas com que os humoristas de *D. Quixote* elaboravam sobre arte, em acordo com as ideias racistas da elite brasileira.

7. Ausência de notícia sobre a extinção da Femina

Julieta Correa realizou concertos antes, e ofereceu classes de música antes e depois da existência da Sociedade Femina. Anos depois do fim da Femina, os jornais publicaram fotos das alunas em eventos na casa de Julieta Correa e as listas com os nomes dos presentes. Em 1919, *O Jornal* registrou que as alunas de Julieta Correa organizaram a comemoração do aniversário da professora: incluiu o recital de canto, o chá-dançante com a Orquestra Mario Cardoso, e a presença do deputado João Elysio (Recepções, 1919, p. 9). Entretanto, após março de 1918, os jornalistas citam apenas as atividades pedagógicas de

Julieta Correa sem lembrar da Sociedade Femina, e não referem apresentações musicais da cantora. Em ambas as situações, não se conhecem os motivos.

A Femina surgiu durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1915, muitos grupos operários, proletários e sindicatos brasileiros se organizaram contra a guerra. O chefe de polícia Aurelino Leal prendeu os líderes anarquistas contrários à guerra, e os jornais anarquistas foram fechados em 1917 por ocasião da entrada do Brasil na guerra (Sodré, 1999, p. 315 e 318). As greves de operários também indicam as dificuldades que eles tinham para sobreviver. O trabalho infantil foi essencial para a industrialização, e, entre 1917 e 1920, a população trabalhadora resistiu às práticas abusivas dos empresários, ao que a autoridade patronal respondeu com repressão e paternalismo (Rago, 1985, p. 32 e 143-145). No livro publicado por ocasião da criação do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, o escritor João do Rio explica que o Municipal seria o expoente da "cultura máxima", sendo esta caraterística das "civilizações". Na sala de espetáculos, além do camarote presidencial, existia a frisa do Chefe de Polícia (Rio, 1913, p. 10 e 82). A estrutura arquitetônica e a linguagem de João do Rio revelam as relações entre a elite política e a instituição criada para promover a música de concerto, assunto que escapa a este informe. Também indica o que se esperava dos representantes da elite, neste caso, era o que a Femina deveria promover ao circular nesse espaço. Foram citadas duas atividades beneficentes de Julieta Correa, em 1915 e 1918, em ambos os casos vinculadas à guerra (Festas, 1915, p. 5; Lanterna, 1918, p. 4). No primeiro concerto da Femina no Municipal, o Coro Feminino apresentou *Hymne à la Paix* [*Hino à Paz*] de Riga (Theatro Municipal, 1917a, p. 2). O sobrenome talvez se refira ao compositor belga Pierre François Riga. Antes da entrada do Brasil na guerra, a apresentação do hino em fevereiro de 1917 indica a rejeição da Femina à guerra em curso, mas o mesmo não aconteceu no concerto de setembro. Entende-se que a entrada do Brasil na guerra acrescentou dificuldades às atividades da Femina.

Sobre o fim da Femina, considere-se que os jornais publicaram notícias sobre uma morte em agosto de 1917, e esta pode ser razão parcial para o debilitamento da entidade. Participante da Orquestra de Cordas da Sociedade Femina desde seu início, a jovem violoncelista Estefânia Manso faleceu fruto de queimaduras de segundo grau. Segundo a revista ilustrada *Futuro das Moças*, a jovem estava esquentando leite quando sua roupa se inflamou. A mãe e o companheiro de Manso resultaram queimados e sobreviveram. Com dezesseis anos, a jovem morreu dias depois. Julieta Correa e outras três musicistas representaram a Femina na missa do sétimo dia, e o *Futuro das Moças* publicou foto de Estefânia na capa (Mlle. Estefânia M. Manso, 1917, p. 1 e 23; Estefânia Manso, 1917, p. 24).

Ao considerar que os jornais não citaram a Femina após março de 1918, e igualmente não registraram atividades musicais de Julieta Correa, pode-se levantar a hipótese de que Julieta Correa teve algum problema ou acidente relacionado com sua voz. O problema ou acidente teria impedido que continuasse a exercer o canto profissionalmente, e ainda, isto poderia implicar o debilitamento da Sociedade. Se Julieta Correa ficou afetada a ponto de decidir não continuar liderando a Femina, é razoável supor que o grupo poderia ter escolhido outra presidenta.

A *Gazeta de Notícias* publicou nota elogiando o concerto comemorativo da Femina no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em setembro de 1917. Segundo o jornal, houve pequenas deficiências, fruto da falta de ensaio, falta de gosto e algumas decisões errôneas: a "falta de gosto" seria que a Femina iniciou

o concerto com certa Gavota de Saint-Saëns, o concerto para dois pianos de Felix Mendelssohn teria sido executado muito rápido, a forma de cantar de Celeste Cerqueira ainda precisaria amadurecer, e Julieta Correa não se sentia segura com a orquestração de Giacomo Meyerbeer (Música, 1917, p. 5). A *Gazeta de Notícias* ressaltou a necessidade de apoiar a Femina e não sugeriu que as faltas sejam motivo de disputa entre as integrantes ou que o grupo estivesse atravessando dificuldades.

Com o recurso da pesquisa na Hemeroteca Digital, não foi encontrada notícia em jornais brasileiros sobre os motivos e o momento em que a Sociedade Femina deixou de existir. Encontraram-se publicações jornalísticas posteriores a 1918 com narrativas específicas sobre Julieta Correa e outras líderes e solistas da sociedade, mas sem referências à Femina. O Quadro 1 registra as sócias e colaboradores da Femina, muitas delas da elite carioca. E foi visto que a Sociedade Femina chegou a ter mais de quinhentas sócias, preparava-se para adquirir sede própria, e realizou concertos noticiados pela imprensa. Pelo anterior, deduz-se que é estranha a ausência de relato sobre o fim da entidade.

Depois do recital comemorativo de setembro de 1917, os jornais não registraram que a Femina tivesse atividades musicais. Contudo, em março de 1918, o *Jornal das Moças* publicou duas referências. No dia 3 de março, Sol Menor lembra que, no mês anterior, a Femina celebrou o aniversário do seu primeiro grande concerto em fevereiro de 1917 e nota alguns detalhes sobre a criação da Femina. Sol Menor assevera que foram as circunstâncias externas que não deixaram que a Femina realizasse todos os seus recitais (1918a, p. 13), mas não sugere que a agrupação estivesse atravessando dificuldades. Em 28 de março de 1918, Sol Menor anunciou que a Femina se preparava para "surgir na arena", sem outros detalhes (1918b, p. 13). A publicação do dia 28 é a última menção à Sociedade Femina em jornais da Hemeroteca Digital. Ante a ausência de outras fontes primárias e de literatura acadêmica, conclui-se que as publicações de Sol Menor permitem datar os últimos momentos de atuação da Femina no Rio de Janeiro.

Conclusões

Declaradamente feminista, a Sociedade Femina surgiu graças à ação de Antonieta Leite de Castro, Branca Bilhar, Brasilina Bormann, Edméa Regazzi e Julieta Correa. As musicistas criaram a Sociedade Femina para promover a música de concerto e permitir que as sócias participassem de atividades musicais. Organizada por jovens mulheres da elite carioca e lideradas por Julieta Correa, a Sociedade Femina existiu entre agosto de 1916 e março de 1918, e realizou oito concertos entre fevereiro e setembro de 1917. Não se descobriram os motivos do fim da organização. A sociedade contou com o suporte de muitas pessoas, mulheres, varões, estudantes, professores e profissionais da música.

Apesar das referências jornalísticas ao Conservatório Femina-Música francês, não foi encontrada documentação que indicasse contato pessoal entre as fundadoras da Femina e a entidade francesa, não foram encontrados indícios de correspondência, e não há indício de que as jovens que viajaram à Europa tivessem tido algum tipo de contato. Contudo, isto último não é implausível, dado que a declamadora Ângela Vargas obteve premiações no referido Conservatório. Pelo material aqui levantado, as

fundadoras tiveram a ideia de criar a sociedade feminista e musical inspiradas na informação que circulou no Brasil.

Como foi visto, apesar de as fundadoras e líderes da Femina serem mulheres, os postos de direção musical foram sempre ocupados por varões, o que era consistente com as ideias e práticas sociais do Brasil da época. Precisamente, eram essas as estruturas que as feministas enfrentavam: em meio adverso, as jovens fundadoras criaram a Sociedade Femina. Se a questão do voto feminino não foi assunto para a Femina, a sociedade criou grupos musicais exclusivamente femininos e grupos mistos. Deste modo, a Sociedade Femina divulgou a música e promoveu a agência feminina no espaço público carioca.

Enquanto a Sociedade existiu, os jornais brasileiros avisaram sobre a Femina e não noticiaram o fim da entidade. A análise do material jornalístico permitiu deduzir o projeto artístico e feminista da Sociedade Femina, sendo seus objetivos a promoção da agência feminina, a divulgação da música de concerto, a declamação poética e a beneficência. A Sociedade de Cultura Musical Femina é a primeira organização feminista do campo da música de concerto carioca da qual há notícia.

Nome	Atividade na Femina, prêmios, vínculo com o Instituto Nacional de Música	Referência
1. Adélia Oliveira	Musicista da orquestra	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
2. Aída Brasil	Corista Sócia Pianista	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Jornal do Commercio. Concertos. E. Tarde. RJ. 6 jun. 1917, p. 5
3. Aída Moraes	Corista Sócia Musicista da orquestra	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
4. Alaide Hor Meyll	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
5. Alberto de Mattos	Solista, trompetista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
6. Alcina Rosas	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
7. Alfredo Cunha	Sócio	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
8. Alfredo Palmeira	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
9. Alnibar Nelson	Pistonista da orquestra	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
10. Alzira Gabriac	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
11. Agenor Bens	Flautista da orquestra	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
12. Agenor Moreira	Flautista da orquestra	*O Paiz*. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
13. América Osório Aída Sérgio	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
14. Ângela Vargas Barbosa Viana	Declamadora 1.º prêmio de comédia, Conservatório Femina de Paris	Jornal do Brasil. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 9 O Imparcial. Echos. RJ. 8 jul. 1917, p. 6
15. Angelica Castello Branco	Musicista da orquestra de cordas	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
16. Anna Fandyn	Solista, canto	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
17. Annibal Liborio	Clarinetista da orquestra	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
18. Annita Cavalcante	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
19. Antonieta Camart	Colaboradora	O Paiz. Estiveram hontem. RJ. 6 feb. 1917, p. 1
20. Antonietta Leite de Castro	Corista Sócia Solista, piano	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Jornal do Brasil. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 9
21. Antonietta de Souza	Corista Medalha de ouro, canto, Instituto Nacional de Música	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4 Jornal do Commercio. A festa. E. Tarde. RJ. 14 mai. 1917, p. 3
22. Antonio Apollaro	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
23. Antonio Ferreira Martins	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
24. Antonio Leopardi	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
25. Archangela Vettori	Corista	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
26. Argemira Araújo Jorge	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
27. Argentina Pitanga	Musicista da orquestra de cordas	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
28. Armando Machado	Corista|	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
29. Arthur Batocchi	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4

30. Augusto Rodrigues	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
31. Aurora Nogueira	Musicista da orquestra de cordas Sócia	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
32. Azurita de Albuquerque	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
33. Bacy Rego Júnior	Sócia Corista	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
34. Beatriz Ten Brink Sherrard	Tesoureira Sócia Corista 1.º prêmio de canto, Instituto Nacional de Música	Correio da Manhã. A sociedade de cultura. RJ. 6 nov. 1916, p. 2 Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2 Fon-Fon! Notas musicaes. RJ. 9 jan. 1915, p. 27
35. Blancha Dumas	Musicista da orquestra de cordas	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
36. Branca de Alcântara Bilhar	Segunda secretária Sócia Pianista Musicista da orquestra Medalha de ouro, Instituto Nacional de Música	A Rua. A fundação da Femina. RJ. 31 ago. 1916, p. 5 Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4 Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2 Jornal do Commercio. A festa. E. Tarde. RJ. 14 mai. 1917, p. 3
37. Brasilina Bormann Borges	Primeira secretária Violoncelista da orquestra de cordas Solista	A Rua. A fundação da Femina. RJ. 31 ago. 1916, p. 5 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
38. Candida Kendall (Candida da Nova Monteiro Kendall)	Professora, musicista Sócia	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5 O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
39. Carlos Magalhães	Orador convidado	A Rua. A fundação da Femina. RJ. 31 ago. 1916, p. 5
40. Carminda Azevedo	Musicista da orquestra de cordas	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
41. Carmo Marsicano	Musicista da orquestra de cordas Professor adjunto, violino. Instituto Nacional de Música	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4 T. Almeida. Os concursos. Diss. RJ. 2017, p. 38
42. Carolina Simões	Harpista da orquestra	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
43. Cecilia Leal	Sócia Corista	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
44. Celeste de Cerqueira	Solista, canto	Jornal do Brasil. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 9
45. Clotilde Braga	Musicista da orquestra	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
46. Constança Costa	Sócia Corista	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
47. Constança Teixeira Bastos	Corista Sócia	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
48. Corina Maragliano	Correpetidora	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 29 jun. 1917, p. 4
49. Dalila Pereira	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
50. Deborah Marcondes Armando	Vice-presidenta Corista	A Rua. A fundação da Femina. RJ. 31 ago. 1916, p. 5 Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
51. Dulce Athayde	Corista	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
52. Dulce de Abreu	Musicista da orquestra de cordas Sócia	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11

53. Dulce de Oliveira	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
54. Duque Bicalho	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
55. Edith Lorena	Solista, piano Corista	Jornal do Brasil. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 9 O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
56. Edith Villas Boas	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
57. Edméa Regazzi de Mello	Oradora Solista, canto Corista 1.º prêmio de canto, Instituto Nacional de Música	A Rua. A fundação da Femina. RJ. 31 ago. 1916, p. 5 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4 A Razão. Casamentos. RJ. 26 dez. 1917, p. 6
58. Elza Marietta Spann	Musicista da orquestra de cordas Sócia Medalha de prata, Instituto Nacional de Música	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Jornal do Commercio. E. Tarde. RJ. 14 mai. 1917, p. 3
59. Elvira Correa	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
60. Elvira Regazzi	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
61. Elza Brito de Aquino	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
62. Enzo Bruno	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
63. Ermelinda Gaido	Musicista da orquestra	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
64. Ernesto de Barros	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
65. Estephania M. Manso	Sócia Musicista da orquestra de cordas	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5
66. Esther Cardoso	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
67. Esther Martucci	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
68. Esther Santos	Sócia Corista Harpista da orquestra Medalha de ouro, Instituto Nacional de Música	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4 O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4 Jornal do Commercio. A festa. E. Tarde. RJ. 14 mai. 1917, p. 3
69. Eugenia Cabral	Musicista da orquestra	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
70. Eugenio Pasta	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
71. Eulina Nunes	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
72. Euridyce Parlatti	Sócia Musicista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Jornal do Brasil. A iniciativa do sexo fragil. RJ. 7 nov. 1916, p. 6
73. Felicidade Alegria	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
74. Félix Cordiglia Lavalle	Diretor artístico Maestro da Orquestra de Femina	A Rua. A fundação da Femina. RJ. 31 ago. 1916, p. 5 A Noite. A hora musical da Femina. RJ. 29 abr. 1917, p. 5
75. Fernanda Lydia Cousil	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 29 jun. 1917, p. 4
76. Fernanda Nonde	Musicista da orquestra	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
77. Firmino Martins Costa	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
78. Francisco Borges Júnior	Clarinetista da orquestra	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
--. Francisco Braga (não assumiu)	Diretor da Orquestra de Femina Professor de composição. Instituto Nacional de Música	Jornal do Commercio. Concertos. E. Tarde. RJ. 2 jun. 1917, p. 5 T. Almeida. Os concursos. Diss. RJ. 2017, p. 16
79. Francisco Costa	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4

80. Francisco Nunes (Francisco Nunes Junior)	Diretor do Coral de Femina Diretor da Orquestra de Femina Professor de Clarinete. Instituto Nacional de Música	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 Jornal do Brasil. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 9 T. Almeida. Os concursos. Diss. RJ. 2017, p. 37
81. Francisco Perdigão	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
82. Fulvia Castello Branco	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
83. Giorgeta Sanches	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
84. Grizoli Andréa	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
85. Guiomar de Oliveira	Solista, flautista Musicista da orquestra	Jornal do Commercio. Concertos. E. Tarde. RJ. 6 jun. 1917, p. 5 Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
86. H. Passolo	Timpanista da orquestra	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
87. H. Ramon	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
88. H. Vidal	Musicista da orquestra de cordas	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5
89. Haydée Hor Meyll	Sócia Solista, piano Musicista da orquestra Medalha de ouro, Instituto Nacional de Música	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4 Jornal do Brasil. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 9 Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2 Jornal do Commercio. A festa. E. Tarde. RJ. 14 mai. 1917, p. 3
90. Haydée Maia	Corista Sócia	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
91. Heitor Cardoso Rabello	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
92. Helena Oscar	Musicista da orquestra de cordas Sócia	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
93. Heloísa Sérgio	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
94. Henriette Pestre	Musicista da orquestra	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
95. Henrique Fernandes	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
96. Henriqueta Silva	Sócia Solista, canto 2.º prêmio canto, Instituto Nacional de Música	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4 A Imprensa. Arte nacional. RJ. 4 jan. 1913, p. 2
97. Hermelinda Guido	Musicista da orquestra de cordas	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
98. Hilda Curio	Sócia, musicista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
99. I. Cavard	Musicista da orquestra de cordas	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
100. Idalina Souza Brito	Sócia Musicista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Jornal do Brasil. A iniciativa do sexo fragil. RJ. 7 nov. 1916, p. 6
101. Ignez Mazziatto	Musicista da orquestra de cordas	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5
102. Innocencia Brito de Aquino	Sócia Musicista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Jornal do Brasil. A iniciativa do sexo fragil. RJ. 7 nov. 1916, p. 6
103. Iracema de Andrade	Musicista da orquestra	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
104. Iracema Nazareth	Corista	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
105. Irêne Barbosa	Corista	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2

106. Isabel Hor Meyll	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
107. Isabel Bittencourt Jaymot	Sócia Musicista da orquestra de cordas Medalha de ouro, Instituto Nacional de Música	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4 Jornal do Commercio. A festa. E. Tarde. RJ. 14 mai. 1917, p. 3.
108. Isaura Carvalho Machado	Musicista	Jornal do Brasil. A iniciativa do sexo fragil. RJ. 7 nov. 1916, p. 6
109. Isaura Nunes Ribeiro	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
110. Isaura Torres de Carvalho	Sócia	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4
111. J. Teixeira da Motta	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
112. Jacyntho Campista	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
113. Jandyra de Carvalho	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
114. Jayme Figueira	Correpetidor	Jornal do Commercio. Concertos. E. Tarde. RJ. 6 jun. 1917, p. 5
115. Jeronymo Guerreiro	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
116. Joanna Oscar	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
117. Joaquim Chaves	Trombonista da orquestra	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
118. João Chavess	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
119. João Mineiro	Trombonista da orquestra	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
120. João Pinto	Sócio Solista, canto	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
121. João Pinto Júnior	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
122. Jorge Vallim	Cantor	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
123. José de Almeida	Trompista da orquestra	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
124. José Leite Ferreira da Motta	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
125. José Levrero	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
126. José Olivieri	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
127. José Vallim	Cantor	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 29 jun. 1917, p. 4
128. Judith Thomasia Barcellos	Musicista da orquestra de cordas Solista Medalha de ouro, Instituto Nacional de Música	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5 Gazeta de Notícias. RJ. 7 feb. 1917, p. 4 Jornal do Commercio. A festa. E. Tarde. RJ. 14 mai. 1917, p. 3
129. Judith Nascimento	Sócia Corista	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
130. Julia Driessler	Musicista da orquestra de cordas	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai 1917, p. 5
131. Júlia Rosas	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
132. Julieta Alegria (Julieta Correa de Alegria Faria)	Musicista da orquestra de cordas Sócia	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
133. Julieta Correa	Fundadora, presidenta Corista Solista, canto 1.º premio de canto, Instituto Nacional de Música	A Rua. A fundação da Femina. RJ. 31 ago. 1916, p. 5 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4 O Paiz. Femina. RJ. 6 nov. 1916, p. 3
134. Julietinha Correa (Julieta Sérgio Correa)	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
135. Julieta Gomes de Menezes	Correpetidora	Jornal do Commercio. Hora musical. E. Tarde. RJ. 19 mai. 1917, p. 6

136. Julieta Magalhães	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
137. Justino de Carvalho	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
138. Laura Breves	Sócia Musicista da orquestra de cordas	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
139. Laura Mello	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
140. Laura Pinho	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
141. Leocadia Branca	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
142. Leocadia França	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
143. Leonídia Sérgio	Arquivista Corista Sócia	A Rua. A fundação da Femina. RJ. 31 ago. 1916, p. 5 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
144. Leonídia Silva	Sócia	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4
145. Leonor da Conceição	Musicista da orquestra	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
146. Lili Cardo	Sócia	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4
147. Lily Guido	Musicista	Jornal do Brasil. A iniciativa do sexo fragil. RJ. 7 nov. 1916, p. 6
148. Lygia de Oliveira Borges	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
149. Lucília Sérgio	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
150. Lucília Silva	Corista	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
151. Ludovina Rosas	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
152. Luiz Alencastro	Sócio	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
153. Luiz de Oliveira	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
154. Luiza Cardoso Rabello	Musicista da orquestra de cordas Corista Medalha de ouro, Instituto Nacional de Música	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5 Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2 Jornal do Commercio. A festa. E. Tarde. RJ. 14 mai. 1917, p. 3
155. Luiza Costa Regal	Corista	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
156. Luíza Gossella	Tesoureira Medalha de ouro, Instituto Nacional de Música	A Rua. A fundação da Femina. RJ. 31 ago. 1916, p. 5 Jornal do Commercio. A festa. E. Tarde. RJ. 14 mai. 1917, p. 3
157. Mali Leal	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
158. Manoel C. Lemos	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
159. Manoel Garcia	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
160. Manoel Gonçalves Araujo	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
161. Margueritte Hugot	Musicista da orquestra de cordas	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
162. Maria Bastos	Corista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
163. Maria Brito da Silveira	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4

164. Maria Camargo	Corista Sócia	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
165. Maria Castro (Maria Elvira de Castro)	Musicista da orquestra de cordas Sócia	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
166. Maria de Deus Moniz	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
167. Maria Gloria Satamini	Corista Sócia	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
168. Maria José Becker	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
169. Maria Júlia Loureiro	Sócia Musicista da orquestra de cordas	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5
170. Maria Lavalle	Procuradora	A Rua. A fundação da Femina. RJ. 31 ago. 1916, p. 5
171. Maria Mello (Maria Evangelina Mello) (Evangelina Mello)	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
172. Maria Nunes	Corista Sócia	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
173. Maria Rosa Hugot	Sócia Musicista da orquestra de cordas	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5
174. Marietta Campello (Marietta de Verney Campello)	Sócia Cantora Solista, cantora	O Paiz. Concertos. 27 set. 1917, p. 4 O Paiz. A hora musical. RJ. 7 jun. 1917, p. 4 Jornal do Commercio. Concertos. E. Tarde. RJ. 6 jun. 1917, p. 5
175. Marietta Saules Bevilacqua	Sócia Solista, piano	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5
176. Marino Milone Pederelli	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
177. Mercedes Alves Pereira	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
178. Mercedes Malagutti de Souza	Sócia Cantora Solista, canto	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 O Paiz. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 3
179. Mme. Araújo Jorge	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
180. Myrthes de Castro	Sócia Pianista	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
181. Nair Reis	Musicista da orquestra de cordas	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
182. Natalina Pinheiro	Sócia Corista	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
183. Newton de Pádua	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
184. Nicoleta Bormann Borges	Corista	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
185. Nilo Moraes Valentim	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
186. Noemia Gamarra	Corista Sócia Solista, canto	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4

187. Noemia Pinto (Noemia Martins Pinto)	Sócia Corista	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
188. Octávio Salema	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
189. Odette Galvão Machado	Sócia Musicista da orquestra de cordas	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
190. Odette Torracas	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
191. Olga Campello	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
192. Olga de Carvalho (Olga Torres de Carvalho)	Sócia Corista	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
193. Olga de Castro	Sócia Musicista da orquestra de cordas	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
194. Olga de Oliveira	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
195. Olga Silveira	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
196. Ophelia Calmon du Pin e Almeida	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
197. Orlando Correa	Sócio	Comedia. RJ. Nos domínios da arte. 21 jul. 1917, p. 11
198. Orlando Frederico	Musicista da orquestra de cordas Professor adjunto de violino. Instituto Nacional de Música	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4 T. Almeida. Os concursos. Diss. RJ. 2017, p. 49
199. Oscar Pedemonte	Sócio	Comedia. RJ. Nos domínios da arte. 21 jul. 1917, p. 11
200. Paiva Nascimento	Sócia Musicista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Jornal do Brasil. A iniciativa do sexo fragil. RJ. 7 nov. 1916, p. 6
201. Paulina d'Ambrosio	Musicista da orquestra de cordas Solista, violino Professora de violino. Instituto Nacional de Música	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4 Jornal do Brasil. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 9 T. Almeida. Os concursos. Diss. RJ. 2017, p. 93
202. Paulo Braga	Fagotista da orquestra	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
203. Paulo Ernesto	Oboísta da orquestra	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
204. Rosa de Araújo	Corista Sócia	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4 Comedia. Nos domínos da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
205. Ricardo Roveda	Musicista da orquestra de cordas Professor de contrabaixo. Instituto Nacional de Música	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4 T. Almeida. Os concursos. Diss. RJ. 2017, p. 16
206. Risoleta Brito de Aquino	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
207. Rosa Schlelkstein	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
208. Samuel de Oliveira Júnior	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
209. Serena Alzira de Cunto (Alzira Serena de Cunto)	Sócia Corista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4
210. Serena do Couto	Corista	Correio da Manhã. Sociedade de Cultura. RJ. 11 dez. 1916, p. 2
211. Severiana Rodrigues	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
212. Silvina Cabral	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
213. Sra. General Travassos	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
214. Stephania Moura	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11

215. Sylvio Salema	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
216. Tibério Cancelli	Musicista da orquestra de cordas	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
217. Tina Pezolli	Musicista da orquestra de cordas	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai. 1917, p. 5
218. Valentina Dias	Sócia Corista	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
219. Venancio Soares	Trompista da orquestra	O Paiz. Concertos. RJ. 27 set. 1917, p. 4
220. Vicente Paschoal	Corista	Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4
221. Violeta Amaral	Sócia	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11
222. Viúva Leite de Castro	Sócia Musicista	Gazeta de Notícias. Femina. RJ. 7 nov. 1916, p. 4 Jornal do Brasil. A iniciativa do sexo fragil. RJ. 7 nov. 1916, p. 6
223. Zulmira Siqueira da Fonseca	Sócia Corista	Comedia. Nos domínios da arte. RJ. 21 jul. 1917, p. 11 Gazeta de Notícias. Concertos. RJ. 7 feb. 1917, p. 4

Quadro 1. A Sociedade Femina segundo jornais da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil (1916-1918). Fonte: Elaboração própria.

Lugar, data	**Compositores divulgados**	**Regente, solistas**	**Referência**
T. Municipal. 7 feb. 1917	F. Mendelssohn, Riga, E. Grieg, C. Saint-Saens, **C. Chaminade**, Ch. Gounod, C. Gomes	C. Lavalle (R), M. Malagutti, A. Fandyn, N. Gamarra, B. Bilhar, A. Castro, J. Barcellos, B. Bormann, H. Meyll, A. Mattos, H. Silva, E. Regazzi, J. Correa, J. Pinto	Teatro Municipal. Femina. RJ. 7 feb. 1917
Ass. Empregados do Comércio. 1.ª Hora Musical. 5 mai. 1917	C. Saint-Saens, F. Chopin, J. Massenet, S. D. Fróes, F. Braga, G. Krier, Schneklud	H. Meyll, M. Bevilacqua, C. Kendall	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 4 mai, 1917, p. 5
Ass. Empregados do Comércio. 2.ª Hora Musical. 19 mai. 1917	J. Rameau, D. Popper, C. Saint-Saens, G. Verdi, **C. Hartog**	C. Lavalle (R), G. Oliveira, M. Hugot, H. Curio	O Imparcial. Musica. RJ. 19 mai. 1917, p. 6
T. Municipal de Niterói. 28 mai. 1917	C. Gomes	C. Lavalle (R), Coro de Femina	O Paiz. Sociedade Symphonica Fluminense. RJ. 25 mai. 1917, p. 4
T. Phenix. 3.ª Hora Musical. 8 jun. 1917	F. Chopin, H. Baptista, A. d'Ambrosio, W. Pope, J. de Araújo Vianna, F. Mendelssohn, F. Liszt, C. Debussy	M. Campello, A. Brasil, L. Rabello, G. Oliveira, H. Meyll	Gazeta de Noticias. S.M. Femina. RJ. 7 jun. 1917, p. 5
T. Phenix. 4.ª Hora Musical. 29 jun. 1917	Wagner-Liszt, G. Martini, R. Schumann, A. Milanez, J. Brahms, C. Debussy, **C. Chaminade,** S. Barroso	F. Nunes (R), M. Castro, J. Vallim, M. Malagutti, E. Regazzi	Correio da Manhã. A hora musical. RJ. 30 jun. 1917, p. 4. Gazeta de Noticias. Concertos. RJ. 29 jun. 1917, p. 4
T. Phenix. 24 ago. 1917 (adiado)			Jornal do Commercio. Concertos. ET. RJ. 7 ago. 1917, p. 6 O Imparcial. Musica. RJ. 25 ago. 1917, p. 6
T. Phenix. 10 set. 1917			Jornal do Commercio. Concertos. ET. RJ. 10 set. 1917, p. 5
T. Municipal. 28 set. 1917	C. Saint-Saens, C. Levy, A. Rubinstein, L. Boelmann, J. Raff, F. Mendelssohn, O. Bilac, F. Braga, G. Meyerbeer, **C. Chaminade**	F. Nunes (R), C. Cerqueira, B. Bormann, H. Meyll, A. Castro, E. Lorena, A. Vargas, P. d'Ambrosio, J. Correa, E. Regazzi	Teatro Municipal. Femina. RJ. 28 set. 1917

Quadro 2: Concertos de Femina segundo jornais da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil (1916-1918). Fonte: Elaboração própria.

Referências

A FUNDAÇÃO DA FEMINA. *A Rua*, Rio de Janeiro, p. 5, 31 ago. 1916.

A INICIATIVA DO SEXO FRAGIL. *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, p. 6, 7 nov. 1916.

ALMEIDA, Thadeu de Moraes. *Os concursos do Instituto Nacional de Música*: tensões, meritocracia e cultura na República Velha (1890-1917). Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ARTES E ARTISTAS. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 5, 18 jun. 1915.

AVENIDA. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 16, 7 jun. 1914.

BAPTIZADOS. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 4, 17 nov. 1911.

BARRETO, Collatina. Gynecologia. *Diário da Manhã,* Vitória, p. 3, 20 dez. 1909.

BINOCULO. *Gazeta de Notícias,* Rio de Janeiro, p. 5, 1 set. 1916a.

BINOCULO. *Gazeta de Notícias,* Rio de Janeiro, p. 5, 3 nov. 1916b.

BLASQUEZ Graf, Norma. *El retorno de las brujas: incorporación, aportaciones y críticas de las mujeres a la ciencia*. México: Unam, 2008.

CARVALHO, Dalila Vasconcellos de. *O gênero da música: a construção social da vocação*. São Paulo: Alameda, 2012.

CARVALHO, Dalila Vasconcellos de. Du salon à la scène: l'ascension des femmes et du piano au Brésil du vintièmge siecle. *Artelogie*, v. 5, p. 1-20, 2013.

CASINO THEATRO PHENIX. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 10, 8 jun. 1917.

CASTAGNA, Paulo. Disponibilização pública de um manuscrito centenário: *Música e musicistas* (1922), por José de Athayde Marcones (1863-1924). *Opus*, v. 29, p. 1-43, 2023.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).* Trad. Elizabeth Martins. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

CONCERTOS. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 9, 27 set. 1917.

CONCERTOS. *Jornal do Commércio*, Rio de Janeiro, p. 5, Edição da Tarde, 2 jun. 1917.

CONCERTOS. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 4, 19 set. 1917a.

CONCERTOS. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 4, 27 set. 1917b.

CONFERENCIA EN LA UNIVERSIDAD. *La Mañana*, Madrid, p. 2, 11 abr. 1912.

CONFERÊNCIA PELO PROGRESSO FEMININO. *Jornal do Commércio*, Rio de Janeiro, p. 4, 15 dez. 1922.

CONGREGAÇÃO HUMANITARIA DAS MÃES BRAZILEIRAS. *Lanterna*, Rio de Janeiro, p. 4, 13 fev. 1918.

CONSERVATORIO FEMINA MUSICA. *A Razão,* Rio de Janeiro, p. 6, 11 set. 1917.

CYRINO, Carolina de Oliveira e Silva; MARQUES, Pâmela Marconatto; ANJOS, José Carlos Gomes dos. O que fazer com toda essa gente preta? Racismo científico e cativeiros pós-abolição. *Simbiótica*, v. 9, n. 2, p. 23-49, maio-ago. 2022.

DE ARTE. *Selecta,* Rio de Janeiro, p. 17, 23 set. 1916.

DIVERSIONES PÚBLICAS. *La Época,* Madrid, p. 4, 15 jun. 1915.

ECHOS. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, p. 7, 3 maio 1917a.

ECHOS. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, p. 6, 8 jul. 1917b.

ECHOS. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, p. 6, 28 set. 1917c.

ESTEPHANIA MANSO. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, p. 24, 5 set. 1917.

ESTIVERAM HONTEM À TARDE. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 1, 6 fev. 1917.

FEMINA. *A Faceira,* Rio de Janeiro, p. 23-24, 16 fev. 1917.

FEMINA. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 4, 7 nov. 1916.

FEMINA. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 3, 6 nov. 1916.

FEMINA. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 4, 6 fev. 1917a.

FEMINA. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 3, 29 set. 1917b.

FESTAS. *Jornal do Commércio*, Rio de Janeiro, p. 4, Edição da Tarde, 6 fev. 1917.

FESTAS. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 5, 5 dez. 1915.

FREIRE, Vanda Lima Bellard; PORTELLA, Ângela Celis H. Mulheres pianistas e compositoras, em salões de teatros do Rio de Janeiro (1870-1930). *Cuadernos de música, artes visuales y artes escénicas,* Bogotá, v. 5, n. 2, p. 61-78, jul./dic. 2010.

FULLER MAITLAND, John Alexander. *Grove's Dictionary of music and musicians*. New York: MacMillan, 1906, v. 2.

INSTITUTO FRANCÉS EN ESPAÑA. *La Correspondencia de España*, Madrid, p. 5, 11 abr. 1912.

LE CONSERVATOIRE FEMINA-MUSICA. *Femina*, Paris. n. 186, p. 14, 15 out. 1908a.

LE CONSERVATOIRE FEMINA-MUSICA. *Femina*, Paris. n. 186, p. 27-28. 15 out. 1908b.

MANIFESTAÇÕES. *A Imprensa,* Rio de Janeiro, p. 4, 17 jul. 1911.

MARCONDES, José de Athayde. *Música e musicistas: historico da musica, biographias e bibliographias*. S.l.: s.n., 1922. Manuscrito.

MLLE. ESTEPHANIA M. MANSO. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, p. 1 e 23, 29 ago. 1917.

MÚSICA. C*orreio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 6, 8 abr. 1917.

MÚSICA: Sociedade Femina. *Gazeta de Notícias,* Rio de Janeiro, p. 5, 29 set. 1917.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura da elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEEDELL, Jeffrey. *The Sacred Cause: the abolitionist movement, afro-brazilian movilization, and imperial politics in Rio de Janeiro*. California: Stanford University Press, 2020.

NO MUNICIPAL: o primeiro concerto da Sociedade Femina. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, p. 5, 8 fev. 1917.

NOS DOMÍNIOS DA ARTE: a Sociedade de Cultura Musical Femina. *Comédia*, Rio de Janeiro, p. 10-11, 21 jul. 1917.

NOTAS DE ARTE. *Fon-fon!,* Rio de Janeiro, p. 43, 5 jun. 1915.

NUNES JUNIOR, Francisco. Sr. Redactor do Correio da Manhã. *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, p. 3, 3 jan. 1919.

O 1º ANIVERSÁRIO DA SOCIEDADE FEMINA. *A Rua,* Rio de Janeiro, p. 4, 8 ago. 1917.

O CENTENÁRIO DE SCHUMANN. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 3, 8 jun. 1910.

O CLUB GYMNASTICO PORTUGUEZ REALIZA SUA FESTA ANNUAL. C*orreio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 4, 2 nov. 1915.

O.G. Theatros e música. *Jornal do Comércio,* Rio de Janeiro, p. 5, 29 set. 1917.

O MAESTRO F.C. LAVALLE. *O Fluminense,* Rio de Janeiro, p. 2, 29 set. 1916.

PE DE COLUMNA. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 set. 1916.

PINTO, Célia Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRIORE, Mary del. *História do amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMOS, Pilar. Las Boulanger y sus discípulos. In: RAMOS, Pilar. *Ciclo de Miércoles*. Madrid: Fundación Juan

March, 2019. p. 7-13.

RECEPÇÕES. *O Jornal,* Rio de Janeiro, p. 9, 20 nov. 1919.

RIO, João do. *O Theatro Municipal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1913.

S.M. FEMINA. *A Faceira*, Rio de Janeiro, p. 25, 16 out. 1917.

S.M. FEMINA. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 5, 7 jun. 1917.

SAINT-SAENS VIRÁ AO RIO REGER A SUA OPERA HELENA, cantada pela Femina. *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, p. 9, 2 mar. 1917.

SCHIEBINGER, Londa. *¿Tiene sexo la mente? Las mujeres en los orígenes de la ciencia moderna*. Trad. María Condor. Madrid: Cátedra, 2004 [1989].

SALIBA, E.T. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da belle époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Carlos Maximiliano Pereira dos. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brazil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, abr. 1915.

SOCIEDADE FEMININA DE CULTURA ARTÍSTICO-MUSICAL. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 4, 7 out. 1916.

SOCIEDADE DE CULTURA MUSICAL FEMINA. C*orreio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 2, 11 dez. 1916.

SOCIEDADE SYMPHONICA FLUMINENSE. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 4, 25 maio 1917.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999 [1998].

SOL MENOR. Notas de Musica. *Jornal das Moças,* Rio de Janeiro, p. 13-14, 7 mar. 1918a.

SOL MENOR. Notas de Musica. *Jornal das Moças,* Rio de Janeiro, p. 13, 28 mar. 1918b.

SOMBRAS. *D. Quixote,* Rio de Janeiro, p. 13, 3 out. 1917.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999 [1993].

THEATRO MUNICIPAL. *Femina: 1º concerto de apresentação*. Rio de Janeiro, 7 fev. 1917a. Centro de Documentação da Fundação Teatro Municipal: Rio de Janeiro.

THEATRO MUNICIPAL. *Femina: Grande concerto vocal e instrumental*. Rio de Janeiro, 28 set. 1917b. Centro de Documentação da Fundação Teatro Municipal: Rio de Janeiro.

THEATRO MUNICIPAL. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 5, 30 mar. 1910.

TOFFANO, Maria Jaci. *As pianistas dos anos 1920 e a geração Jet-Lag: o paradoxo feminista*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

UM GRUPO ORQUESTRAL. *Comédia,* Rio de Janeiro, p. 10, 21 jul. 1917.

VARIAS THEATRAES. *Jornal de Theatro & Sport*, Rio de Janeiro, p. 15, 3 mar. 1917.

VERMES, Mónica. Por uma renovação do ambiente musical brasileiro: o relatório de Leopoldo Miguez sobre os conservatórios europeus. *Revista eletrônica de musicologia*. v. VIII, p. 1-9, dez. 2004.

VERMES, Mónica. Alberto Nepomuceno e o exercício profissional da música. *Música em perspectiva,* v. 3 n. 1, p. 7-31, mar. 2010.

VERMES, Mónica. Música e músicos nos teatros do Rio de Janeiro (1890-1920): trânsitos entre o erudito e o popular. *Música Popular em Revista,* Campinas, ano 3, v. 2, p. 7-31, jan./jul. 2015.

VERGARA, Jorge. Chupim y Chopin, afeminados y enfermos: música y género en la primera mitad del siglo veinte en Brasil. *Revista Música*, v. 19, n. 2, p. 86-115, 2019.

VERGARA, Jorge. O processo antimodernista da revista *D. Quixote*: preconceito para debater arte (1920-1926). *Accadere: Revista de Historia del Arte*, n. 7, p. 47-85, jun. 2024.

VIDA ARTÍSTICA: Brasilina Bormann. *Diário de Pernambuco,* Recife, p. 2, 30 maio 1910.

VILLA ISABEL FOOTBALL CLUB. *A Noite*, Rio de Janeiro, p. 5, 1 maio 1915.

Jorge Vergara é pianista e pesquisador. Doutor e mestre em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Vergara investigou a recepção de Mário de Andrade e a construção social do preconceito. Nessa pesquisa destaca-se a documentação dos processos antimodernistas dos jornais paulistas A Gazeta e Folha da Noite, e da revista carioca D. Quixote. Vergara foi palestrante no Congresso Intercontinental Brasileiro de Modernismo (2022) e escreveu ensaio para o catálogo da exposição Mário de Andrade: duas vidas do Masp (2024). jorge_ortiz77@yahoo.com.br

A *Opus* está licenciada sob uma licença CC-BY.